Público
28.02.2022
P.26

Apoios "são relevantes", mas faremos refinaria de lítio "de qualquer das formas", diz a Northvolt

A Northvolt, parceira da Galp, entende que a unidade de conversão de lítio é um projecto "muito importante para a Europa, para a Northvolt e para Portugal"

Ana Brito

A escolha da localização de uma futura unidade de processamento de lítio em Portugal tem sido um trabalho demorado, mas está mais perto do final. Depois de um "processo de selecção muito exaustivo", assente em cerca de duas dezenas de critérios, a Galp e a Northvolt, que anunciaram esse projecto em Dezembro, passaram de uma lista com "30 localizações possíveis" para uma "*shortlist* com duas ou três localizações", disse ao PÚBLICO Maria Åstrand, administradora da empresa sueca de baterias de ião de lítio com o pelouro das matérias-primas.

Pelas actuais infra-estruturas industriais e logísticas, e pelos investimentos em energias renováveis projectados pela Galp para Sines, a cidade do litoral alentejano tem aparecido como o mais provável destino da nova unidade, para a qual se estima um investimento de cerca de 700 milhões de euros, mas nenhuma das parceiras quer desfazer o mistério.

A decisão está para breve e "será um momento-chave para passarmos às outras fases, como a escolha dos parceiros de engenharia e do processo de licenciamento ambiental", diz ao PÚBLICO Maria Åstrand, que também é administradora da Aurora Lith, a *joint-venture* detida em partes iguais pela Galp e pela Northvolt, e anunciada em Dezembro, em Lisboa.

O projecto luso-sueco é um dos candidatos aos subsídios do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), que reserva cerca de 930 milhões de euros para as chamadas agendas mobilizadoras para a inovação empresarial, para as quais foram pré-seleccionadas 64 candidaturas, estando a etapa de submissão de propostas a decorrer até final do mês de Março.

Em Dezembro, quando a parceria foi anunciada, o presidente da Galp, Andy Brown, sublinhou que o apoio do PRR com pelo menos 15% do capital seria determinante para o sucesso económico deste projecto industrial, que visa o processamento químico de um mineral de lítio, a espodumena, para produção do hidróxido de lítio que é usado nas células, e que ambiciona ser a maior e mais sustentável unidade de conversão da Europa.

Ainda esta semana, em entrevista ao PÚBLICO, o gestor voltou a salientar a importância das subvenções, pois a futura refinaria portuguesa está a concorrer com unidades chinesas e não sairá da gaveta "se não for economicamente viável".

Mas Maria Åstrand é menos taxativa, embora admita a importância de eventuais subsídios: "Tendo em conta a dimensão do projecto, é claro que possíveis apoios que possamos ter são muito relevantes para o seu desenvolvimento, mas não chegaria ao ponto de dizer que são necessários para avançarmos", afirmou a gestora sueca.

"Vamos fazê-lo de qualquer das formas, porque é extremamente importante para a Europa, para a Northvolt e para Portugal, mas é claro que o facto de podermos ter apoios é um aspecto importante, porque é um grande investimento", acrescentou.

200

Unidade de processamento poderá criar 200 empregos directos e "eventualmente gerar dez vezes mais empregos na comunidade" circundante

2026

O objectivo é que o arranque comercial aconteça em 2026, ainda que a decisão final de investimento só esteja prevista para 2023

"Em números redondos", esta unidade de processamento poderá criar 200 empregos directos e "eventualmente gerar dez vezes mais empregos na comunidade" circundante, refere Maria Åstrand. O objectivo é que o arranque comercial aconteça em 2026, ainda que a decisão final de investimento só esteja prevista para 2023.

Com um conselho de administração com três administradores da Northvolt e outros três da Galp, a sociedade Aurora Lith, registada em Setembro, está em busca de um presidente executivo, de um administrador financeiro, e de outros responsáveis em áreas como a engenharia, o ambiente e o abastecimento, referiu a gestora.

Matéria-prima europeia

A Galp e a Northvolt acreditam que a futura unidade de processamento da Aurora Lith terá uma capacidade inicial de produção anual de até 35 mil toneladas de hidróxido de lítio, o equivalente à produção de 50 gigawatts hora (GWh) de baterias eléctricas por ano (o suficiente para 700.000 veículos eléctricos).

Deste volume, metade será comprado pela Northvolt e utilizado na "gigafábrica" (nome que provém da unidade de medida Giga, equivalente a mil milhões) de Skellefteå, no Norte da Suécia, onde a produção de células para baterias arrancou em Dezembro, tendo como principais clientes as alemãs BMW e Volkswagen.

O destino do restante hidróxido de lítio "será decidido pela *joint-venture*: se aparecerem outros compradores, essa poderá ser uma hipótese, ou a Northvolt poderá tomar mais de 50%, as opções estão em aberto", explica Maria Åstrand.

Em Dezembro, na apresentação da parceria, em Lisboa, Andy Brown e o co-fundador da Northvolt Paolo Cerruti explicaram que a futura refinaria não estará dependente do lítio português, como o que vier a ser extraído pela britânica Savannah na mina do Barroso, em Boticas, já que a produção portuguesa será insuficiente.



O administrador da Northvolt admitiu mesmo que a unidade poderá vir a converter lítio do Canadá, Brasil e Austrália, apesar de reconhecer o impacto destes fornecimentos longínquos em termos de pegada ambiental, quando o lema da Northvolt é produzir a "bateria mais verde do mundo, com uma pegada carbónica mínima" (que por sua vez contribua para diminuir a pegada ambiental de veículos eléctricos, soluções de armazenamento energético e aplicações industriais).

Sem querer entrar em detalhes sobre mercados de abastecimento, Maria Åstrand diz que "não é improvável" que a refinaria portuguesa "precise de fornecimentos de fora da Europa durante um certo período, ou para atingir determinado volume [de produção]".

"Claro que queríamos ter matéria-prima europeia", isso traria ao projecto Aurora "muitos mais benefícios em termos de logística e de pegada de CO2", reconhece a administradora. Por outro lado, é preciso garantir que o "risco é baixo e que o projecto é sustentável no tempo", algo que só acontecerá se for buscar fora o que a Europa não é capaz, ou não quer, explorar.

Para produzir as suas células, além do lítio, a Northvolt usa uma série de materiais de proveniências distantes, que não divulga por "razões comerciais": como níquel (o principal em volume), manganês, cobalto, grafite, alumínio. "A maior parte vem de fora", diz Maria Åstrand.

"Informação" e "oportunidades"

A administradora da Northvolt diz que é legítimo que as populações resistam à ideia de ter minas nas

IM. | Copyright licensed by Visapress | P. 1 of 2

DANIEL ROCHA



Paolo Cerruti, da Northvolt, e Andy Brown, da Galp, na assinatura da parceria

Penso que ninguém deve desvalorizar o medo que as pessoas sentem por terem algo completamente novo e tão grande a ser instalado nos seus quintais

Maria Åstrand
Administradora da Northvolt com o pelouro das matérias-primas



suas regiões, como é o caso de muitos dos habitantes das regiões onde se projecta a exploração do lítio português.

"Penso que ninguém deve desvalorizar o medo que as pessoas sentem por terem algo completamente novo e tão grande a ser instalado nos seus quintais", afirma a gestora ao PUBLICO.

Frisando que a Northvolt adquire e processa as matérias, mas não se dedica à extracção mineira, a gestora acredita que "a mineração de hoje em dia não corresponde à percepção que muitas pessoas têm" e que "é encorajador" saber que há novas tecnologias e processos inovadores que reduzem o impacto da actividade.

Maria Åstrand afirma que "as pessoas têm o direito a ter toda a informação disponível" sobre os projectos e também lhes devem ser "apresentadas as oportunidades" ao nível da "criação de emprego" e da necessidade de mão-de-obra muito qualificada.

Åstrand garante que a Northvolt é "extremamente exaustiva" nas interacções com os fornecedores para perceber "se os seus processos e as suas tecnologias são tão sustentáveis quanto possível, quer em termos éticos, quer ao nível das emissões".

É a prática em todos os locais e será também em Portugal, garante: "Visitamos as minas e os locais, não nos limitamos a pesquisar na Internet ou a ver apresentações de Power- Point.

Nos próximos anos, a fábrica de Skellefteå , que usa energia hídrica no processo produtivo, quer chegar aos 60 GWh de produção e garantir 50% de materiais reciclados em cada nova célula.